

O CLUBE DE LEITURA LGBTI+ “CONECTADES” COMO ESPAÇO DE RUPTURA

CAMILA CORRÊA PIERZCKALSKI¹; MANOELA MACHADO VAZ²; FELIPE CARDOSO LEITE³; MARCIO CAETANO⁴

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul – camilapedagogabpp@gmail.com

²Instituto Federal Sul-Rio-Grandense – manoelamachadovaz@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - felipec.zero@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – mrvcaetano@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A primeira intenção na construção do projeto do Clube de Leitura LGBTI+, era possibilitar um espaço de acolhimento para jovens dissidentes — que fogem da norma cultural heterocissexista¹ (heterossexual, cisgênera e sexista) —, espaço no qual, em minha juventude, não tive acesso e teria feito muita diferença em meu processo de autoafirmação da minha sexualidade. Como sempre fui subjetivada pelas minhas leituras literárias, todo o meu processo de formação acadêmica em Pedagogia e atuação profissional, em espaço pedagógico não escolar — biblioteca — perpassou a formação de leitores.

Em minhas experiências profissionais, os jovens a partir dos doze anos, eram, aos poucos, negligenciados pelos projetos de leitura escolar, sendo, sistematicamente esvaziados do prazer de ler, e metamorfoseando esse processo *artístico-subjetivo* da literatura em algo mecânico e com foco no estudo gramatical e linguístico, lidos como necessários para “passar no ENEM²”.

Além dessa prática de leitura focada no consumo de títulos específicos, que chamamos de canônicos e a concomitante interpretação dos mesmos para um fim — o vestibular —, quando trazemos mais um recorte, como a presença de obras LGBTI+ no currículo escolar, a ausência pode ser uma constante.

Nesse cenário, o Clube de Leitura “Conectades”, é construído como parte do meu projeto de mestrado com o intuito de democratizar o acesso às obras de autoria e protagonismo LGBTI+ para jovens do ensino público, no município de Pelotas (Rio Grande do Sul), possuindo vínculo com os grupos de pesquisa: POC’s e GEERGE³ e com a Biblioteca Pública Pelotense, também usada como sede para os encontros, além de contar com financiamento da FAPERGS⁴ para aquisição de parte do acervo de livros disponibilizado aos participantes

O presente texto, contextualizado junto da escrita da minha dissertação, “*Clube de Leitura LGBTI+: Juventudes, subjetividade e literatura dissidente*” (2023-2025), objetiva relatar como o Clube de leitura LGBTI+ “Conectades” tem se configurado como um espaço de ruptura com as manifestações cotidianas da cultura heterocissexista entre os jovens participantes.

Para tanto, elaborei os seguintes objetivos específicos, tentando dar conta da proposta aqui exposta: (I) identificar os momentos de ruptura com os

¹ Conceito utilizado na literatura do autor Renan Quinalha.

² Exame Nacional do Ensino Médio.

³ Grupo de Pesquisa Política dos Corpos, Cotidianos e Currículos (POC’s), vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE UFPEL) e Grupo de Estudos em Educação e Relações de Gênero (GEERGE), vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU UFRGS).

⁴ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul.

cotidianos expressos nas socializações das leituras com temática LGBTI+; (II) propor práticas de leitura que ressignifiquem o imaginário social do *serexistir* de jovens dissidentes.

A produção desse resumo e sua subsequente apresentação se configuram como parte do processo de compartilhar intervenções pedagógicas, principalmente ao que tange os estudos na área da educação, sexualidade e gênero para que outros profissionais educadores-pesquisadores percebam as potencialidades de projetos que tem como protagonistas jovens dissidentes e seus *modosestratégias* de navegar pelo mundo.

É possível, ainda, enxergar o caráter afetivo da leitura e sua concomitante socialização e o estabelecimento de vínculo, indispensável para promoção de um ambiente saudável e acolhedor para os envolvidos na pesquisa.

2. METODOLOGIA

O seguinte texto foi estruturado como um relato de experiência, reconhecendo que o conhecimento humano não se conecta apenas com o saber *acadêmocientífico*, mas também às aprendizagens advindas do vivenciar *socialculturalhistóricopolítico* (MUSSI, FLORES e ALMEIDA, 2021, p. 63), se configurando como uma pesquisa qualitativa dentro do campo da educação, dos estudos de gênero e das sexualidades.

Para o registro dos insights que levaram à construção deste relato, foram utilizados os seguintes instrumentos metodológicos: diário de campo e a produção escrita das impressões das leituras. Os encontros são realizados na Bibliotheca Pública Pelotense (Pelotas/RS) no setor destinado à literatura infantojuvenil, uma vez por semana, tendo sido previstos 16 encontros e 5 leituras, sendo estas literaturas juvenis com temática LGBTI+, tanto nacionais, quanto internacionais (compreendendo a faixa etária a partir de 13 anos), já que o clube tem o foco em jovens entre 15 e 21 anos, matriculados e/ou egressos da educação pública.

As atividades são mediadas por mim e organizo as leituras para que se dividam entre dois e três encontros, dependendo do tamanho do livro e sempre que faço a releitura dos capítulos elencados para cada dia, separo tópicos com potencial disparador para a discussão, nem sempre os utilizando, já que costumo introduzir o debate convidando alguém para compartilhar um excerto e em consequente suas impressões sobre a leitura.

Após 10 atividades é possível perceber que as estratégias traçadas para o estabelecimento de vínculo, como o uso da escuta atenta, do respeito ao espaço pessoal, questionamento sobre uso de pronomes e preferências de tratamento, incluindo o cuidado com o toque físico e prestando atenção nos possíveis gatilhos que os livros podem desencadear, e quando estes ocorrem, abrir um diálogo franco e respeitoso sobre eles, têm destacado a dimensão afetiva da literatura e do Clube como prática de leitura e espaço de acolhimento de existências dissidentes.

Indispensável ressaltar o compromisso ético com os dados do relato se mantém, garantindo o anonimato dos envolvidos, nenhuma gravação de áudio ou transcrição de fala foi realizada em nenhum dos encontros, todos os dados advêm das minhas percepções das situações e acontecimentos que envolvem o processo de produção de sentidos a partir da literatura de temática LGBTI+.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ser jovem estabeleceu, popularmente uma ideia disruptiva, que rompe com os ideais do Estado, das religiões, etc., mas também incutiu uma ideia de “fase passageira”, devendo ser relevada ou corrigida na medida do possível, para então ser superada na fase adulta. Durante as discussões do Clube, em relação aos livros lidos, falamos muito sobre as *relações familiares* e como estas são pautadas por esses ideais de uma cultura que enxerga no binarismo de gênero e na heterossexualidade, suas bases fundantes, fazendo com que os processos de autoafirmação enfrentados por esses jovens orbitem sob essa expectativa da “fase passageira” ou de rejeição.

O livro *Conectadas* (ALVES, 2019) e *Todos, Nenhum: simplesmente humano* (GARVIN, 2017) lidos no Clube, mesmo tendo a autoafirmação dissidente e o envolvimento romântico dos protagonistas como uma das questões centrais na narrativa, despertaram inquietações voltadas para as relações familiares dos personagens, que levaram ao compartilhamento de vivências pessoais ao redor dessa pauta, o que permitiu que eu observasse a linearidade naquilo que mexe diretamente com situações da vida cotidiana de quem não se encaixa nos modelos heterocissexistas — família.

Quando enxergo no Clube um espaço que rompe com esse cotidiano, penso no que Michel de Certeau fala sobre o *ler*, mesmo ele tecendo diversas críticas à leitura como um produto da elite social, também discorre sobre o ato transgressor e silencioso do leitor, demonstrando a criatividade que “vai crescendo à medida que vai decrescendo a instituição” que o controla, distanciando-se, e rompendo com a intenção do que foi escrito e se aproximando de uma resignificação de sentidos que causa essa ruptura com a leitura passiva e não reflexiva que é característica do transitar cotidiano (2014, p. 244).

E acredito que para além das discussões sobre a *instituição família* que são constantemente revisitadas, existe, no reconhecimento de vivências, mesmo que fictícias, uma forma de suspensão desse imaginário, rasurando os sentidos historicamente implantados sobre nossos corpos, que os condena há uma existência de infelicidade. Nesse contexto, a literatura assume um papel relevante nesse movimentar *subjetivoartístico* que nos permite tirarmos o foco do *eu* para olhar o *outro* e damos de cara com nós mesmos — reconhecimento (PEDROSA, 2022).

As reflexões que traço semanalmente sobre o Clube de leitura, me transportam para algo que Renan Quinalha (2023, p. 18) fala em seu livro sobre a história do movimento LGBTI+, sobre criarmos “modos de vida mais autênticos”, estruturando “redes de proteção e afeto” entre aqueles que, mesmo muito diferentes entre si, encontram-se nesse meio do caminho do *existir* que não se conforma com *monoexistências*, e ele ainda ressalta que, “mesmo sem conhecermos todos os outros indivíduos iguais a nós, no quesito orientação sexual ou identidade de gênero, há uma série de referências compartilhadas” (2023, p. 21), e elas podem ser socializadas a partir de um objeto vivo — o livro — borrando as fronteiras de sentido entre o fictício e o verídico.

4. CONCLUSÕES

Enquanto vivo o processo do Clube de Leitura, me questiono frequentemente sobre as implicações possíveis aos cotidianos de cada um dos jovens participantes, assim como as implicações no meu cotidiano, da Biblioteca e de seus funcionários. Não é de hoje que abrigar um projeto que enalteça

populações historicamente marginalizadas, causa desconfortos, cria rasuras nos tecidos sociais, mesmo não tendo sofrido, que sabemos, nenhuma represália por nossas práticas, até o momento, não deixo de me perguntar quais as rupturas que promovemos e quais poderiam ser promovidas se mais projetos como um Clube de Leitura LGBTI+ para jovens existisse em diferentes contextos.

Se estivesse escrevendo no princípio da inserção em campo, não sei se diria com tanta ênfase, sobre as potencialidades de inovação que este relato pode inferir na área da educação, mas começo a ensaiar sobre isso, e percebo que, para além dos ganhos esperados na área *cognitivocrítica* propiciada pela leitura literária, é possível sentir profundamente a dimensão afetiva que a socialização das leituras tem promovido.

Dentro de um contexto cotidiano de marginalização, medos, anseios, armários, violências, amores, abraços e escuta, a leitura aproxima, promove reconhecimentos, e quando foge ao exercício solitário, ganhando espaço em uma sala abarrotada de vozes que ressoam, disputando seus minutos preciosos e empolgados de autorrepresentação, é possível enxergar a potência dos projetos de extensão que tenham como protagonistas as narrativas de jovens que (re)significam diariamente o seu existir no mundo.

Compreendendo que esse local de suspensão do cotidiano — o Clube de leitura — rompe com as insistentes expectativas de infelicidade e violência que a cultura heterocissexista incute sobre nossos corpos, dando-nos um esperançar, disparado pelas narrativas literárias e apoiado na memória coletiva daqueles que antes de nós lutaram, caíram, se levantaram, para que hoje possamos criar espaços privilegiados de acolhimento e escuta de nossas vivências singulares como pessoas LGBTI+.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Clara. **Conectadas**. São Paulo: Seguinte, 2019.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GARVIN, Jeff. **Todos, nenhum: simplesmente humano**. São Paulo: Plataforma21, 2017.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. **Pressupostos para a elaboração de relatos e experiência como conhecimento científico**. Práxis, Bahia, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+: Uma breve história do século XIX aos nossos dias**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

PEDROSA, Carolina Anastácia de Souza. **A alteridade e representatividade na sala de aula por meio da literatura LGBTQIA+**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Português) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.